

Déjalo, ya volveremos: fantasias de integração em Esther Bendahan

Déjalo, ya volveremos: fantasies of integration in Esther Bendahan

Marcos Fábio de Faria*

Resumo: O romance *Déjalo, ya volveremos*, de Esther Bendahan, publicado em 2006, relata a história de uma família judia sefardita que migra de Tetuam, Marrocos, para Madri. A partir da ótica da personagem Reina, complexas situações sobre a integração da família na Espanha são tecidas. O tema da integração e da assimilação cultural pode ser visto como uma questão pungente a ser tratada nesse romance, principalmente por Reina, que sofre o desterro e os preconceitos de nunca pertencer a nenhum dos espaços em que está inserida. Busca-se, neste artigo, estudar essa narrativa à luz de *Imagens da integração*, de Hugo Achugar, e “Aculturação e assimilação”, de Regina Igel.

Palavras-chave: Sefardita. Integração. Aculturação. Assimilação.

Abstract: The book *Déjalo, ya volveremos*, by Esther Bendahan, 2006, tells the story of a Sephardic Jewish family that migrates from Tetuam, Morocco, to Madrid. From the perspective of Reina’s character, the book weaves complex situations about her family’s integration in Spain. The theme of integration and cultural assimilation can be seen as a poignant question to be addressed in this novel. This is true particularly for Reina who suffers from prejudices and from being casted out, never belonging to any of the spaces in which she circulates. In an attempt to reflect upon the idea of integration, we seek to better understand this concept taking into consideration the novel written by Bendahan, the essays *Integration Images* by Hugo Achugar, and the work by Regina Igel called “Acculturation and Assimilation”. It was also considered the novel solutions presented in Reina’s fantasies regarding this issue.

Keywords: Sephardic. Integration. Acculturation and Assimilation.

Esther Bendahan, escritora marroquina radicada na Espanha, apresenta em *Déjalo, ya volveremos*, publicado em 2006, um interessante olhar sobre os judeus sefarditas na Península Ibérica. Judia e de família sefardita espanhola, Bendahan exhibe, em seus escritos, um forte laço e uma busca incessante pela sobrevivência da memória de um povo que, durante a Inquisição espanhola (1478-1834), foi obrigado a deixar a Península Ibérica. A sua obra é composta por *Soñar con Hispania* (com Ester Benari), 2002; *La sombra y el mar*, 2003; *Deshojando alcachofas*, 2005; *Déjalo, ya volveremos*, 2006; *La cara de Marte*, 2007; e *El secreto de la reina persa*, 2009.

Bendahan, ao falar do romance *Déjalo, ya volveremos*, revela a importante missão literária que seu texto assume: “Esta novela recoge la memoria de mi pueblo y de una sociedad que nunca podrá volver al lugar del que salió” (EL PAIS, 2006).¹ O romance se apresenta a partir de uma voz que conhece, intimamente, o olhar da personagem Reina, um olhar infantil que se quer isento das diversas maldades que a vida tece em torno de um adulto. Reina assiste a um processo de hostilidade vivido pela sua gente e, ao mesmo tempo, reflete, de forma muito poética, sobre tudo isso de forma quase inocente. A trama desse livro encena, portanto, um mundo de imensa conturbação, imerso em problemas alavancados quando uma família é obrigada a migrar de sua pátria para outra, mesmo não pertencendo, de fato, a nenhuma delas.

Com esse olhar, a narrativa evidencia uma possível metáfora de uma integração deslocada que, desde o título, já se deixa vislumbrar: *Déjalo, ya volveremos*. O romance trata de questões do desterro judaico e possibilita uma discussão social sobre o local que essa cultura assume na história e, principalmente, na contemporaneidade. A frase em forma de título é a mesma que o

pai de Reina diz à personagem quando de mudança de Marrocos para a Espanha, referindo-se a um armário em que estão guardadas as marcas mais fortes da infância da menina, que queria levá-lo para sua casa nova. Essa frase, também, pode ser uma projeção da condição dos judeus. Os sefarditas vão se inscrevendo, nesse caso, com a forte imagem das coisas que se deixam toda vez que se sai de um país para outro. O pertencimento, bem como a sua falta, parece ser sempre mais forte.

Como ressalta o filósofo Ricardo Forster em *A ficção marrana*, o marrano, e sua inscrição temporal na história, principalmente durante a Inquisição, é um ser facetado de identidades (FORSTER, 2006). O sefardita, como extensão da afirmação de Forster, pode exercitar uma continuidade desse ser de múltiplas identidades que desloca e, ao mesmo tempo, decompõe a hegemonia de uma unicidade identitária. Assim, tanto os marranos como os sefarditas ocupam um lugar desprivilegiado, pois sua condição paira entre dois aspectos, que ao entrarem em um embate, não podem delinear uma única identidade, tampouco um único pertencimento. Em *Déjalo, ya volveremos* pode-se perceber que essa inscrição única do homem é uma questão ilusória, pois é intrínseca a esse povo a obrigatoriedade de ser dois ou mais sujeitos ao mesmo tempo. Dessa maneira, pode-se perceber, em um jogo que permanece em toda a narrativa, que a menina, junto dos adultos, cria personagens e os presenteia com passaportes falsos que representam aqueles que foram usados pelos judeus que escapavam de Casablanca buscando auxílio em Israel por meio do barco Pieces.

A história trata de problemas reais que foram vividos pelos povos judeus: a projeção de um futuro permanentemente estrangeiro, condição comum a esse povo, assim como o poder assombroso da não integração total a uma nova cultura. Forster ressalta, ainda, que o marrano, ao sintetizar em uma mesma religiosidade o cristianismo e o judaísmo, apresenta uma vida entrecortada daquilo do que finge ser, como uma máscara. Porém, essa forma de vida e de escapatória o torna oblíquo, que finge uma forma verdadeira de ser, ao mesmo tempo, dois sujeitos indissociáveis (FORSTER, 2006). Forster instiga a uma discussão permeada de projeções sobre o judeu marrano, que podem ser metaforizadas para pensar o sefardita em Bendahan. Imersos na memória do medo e do arquivo de segredos que causam terror, o problema da imigração, que pode ser associado à conversão forçada dos marranos, acaba por fazer surgir uma reflexão que pode ser traduzida em dois conceitos estudados por Regina Igel em *Imigrantes judeus/escritores brasileiros: a “assimilação” e a “aculturação”* (IGEL, 1997). Nesse primeiro conceito, existe a modificação de um modelo de vida; assim, a minoria passa a assimilar, geralmente, os costumes da maioria. Já na aculturação, a camada menos expressiva é anulada e imergida na cultura receptora (IGEL, 1997, p. 129). Esses dois conceitos servem de aparato teórico para se pensar inúmeros textos, pois eles instauram uma discussão que permanece contemporaneamente, principalmente na era da globalização.

Ao relatar a história dos judeus espanhóis, que viviam em Marrocos e retornam ao berço sefardita, Bendahan retoma uma memória coletiva que atravessa o tempo, o eterno exílio e a fantasia da integração. Nesse percurso, um terceiro conceito pode complementar os dois já apresentados, o da integração. Este se torna, para muitos escritores judeus que relatam temas similares, impossível em outra terra que não Israel e pode ser associado, a princípio, ao “jogo do passaporte falso” que é criado no romance:

Se llamaba el juego del pasaporte falso. Cada noche inventaban la historia de uno de los pasajeros de ese barco. Personas que deseaban iniciar una nueva vida, salvarse y empezar de nuevo.² (BENDAHAN, 2006, p. 30)

O embate entre culturas distintas e as diferentes pátrias que o imigrante ocupa podem sugerir um olhar que seja capaz de abarcar o maior número de possibilidades de significados dos conceitos aqui referidos. Estes, atados pelo monstro da globalização, corroem o argumento da perda completa do referencial. Ponderando a ideia de referência na contemporaneidade, pode-se pensar que as culturas já estão bastante infiltradas e assomadas de outros referentes. No caso dos imigrantes num espaço temporal cotidiano, é possível, ainda, reajustar o pensamento abrindo a discussão para pensar um terceiro ponto: a integração falseada.

Para Hugo Achugar em *Imagens da integração*, é possível estabelecer um argumento narrativo implícito no movimento discursivo da construção de identidades e não de identidade, que permanece colado no discurso da globalização e é utilizado como imagem integrativa (ACHUGAR, 1997). Assim, o romance *Déjalo, ya volveremos*, ao remontar a vida de imigrantes sefarditas que viviam em Tetuan, seria possível, em certa medida, pensá-lo como uma metáfora que se aproxima da dos viajantes do barco *Pisces* e ao jogo dos passaportes falsos. Ao descobrir que o barco era verdadeiro, que havia naufragado em Alhucemas e que todos os judeus que nele se encontravam morreram, a menina Reina faz a seguinte observação, que pode servir como suporte para pensar esse problema da integração:

Un barco también puede perderse. Desde marroquí llegar a la costa de Haifa o de Tel Aviv no parecía fácil, se tardarían algunos días, debían evitar controles, tanto al salir como al llegar. Un barco también podía perderse. Porque lo peor de perderse es que no está en lugar aunque nadie lo sepa. Surgió entonces la curiosidad por averiguar dónde estaban en realidad. Y se preguntó por qué todos parecían estar en otro lugar.³ (BENDAHAN, 2006, p. 48)

Bendahan entrecruza, desse modo, ficção e história, criando diversas fantasias como escape, o que pode servir para pensar a posição do judeu na história. A reencenação da história dentro da trama do romance é uma das possibilidades de leitura do texto, principalmente quando se trata da reconstrução da história do barco *Pisces*, em que se projeta a grande metáfora de perder ou criar identidades como caminho para rearranjar o homem dentro de uma cultura. Nesse caso, os elementos tipificadores da cultura sefardita, principalmente na visão da personagem Reina, sugerem uma possível aproximação entre os conceitos estudados por Igel e aquele apresentado por Achugar como aparato fundamental para a leitura de *Déjalo, ya volveremos*.

O conceito de integração sugere a inserção, principalmente de estrangeiros, de forma plena a uma cultura que não se pertence, implicando uma troca mútua entre o integrador e o integrado (ACHUGAR, 1997). Assim, como o país precisaria receber os seus imigrantes acolhendo suas diferenças culturais, as respeitando e, ao mesmo, possibilitar uma convivência mais concisa entre seus nativos e os desterrados, o mesmo deveria ser esperado do imigrado. Logo, tanto a aculturação como a assimilação deviam compartilhar um estado brando quando acionadas pelo indivíduo, acarretando, em ambos os lados, um processo pacífico de integração. A radicalidade em que esses conceitos muitas vezes parecem ser praticados sugere a ausência de uma contramão, pois o esperado deveria ser a anulação de apenas alguns detalhes da minoria, não a anulação completa, quando se tem a assimilação. Já a aculturação segue um caminho que parece ser mais respeitoso, embora também possa ser brutal com certas culturas dentro da receptora.

No texto de Bendahan, pode-se perceber uma resistência quanto aos dois conceitos, muitas vezes fantasiando o conceito de integração, mas, também, a todo o momento, refletindo sobre o seu estado volátil:

Son tiempos difíciles, llevamos aquí siglos pero no somos de aquí, no somos de ningún lado, sefarditas dice unos, judíos, otros, no sé, Reina, tu padre es muy activo y vivimos momentos de gran preocupación, por eso nosotros nos marchamos a Venezuela, allí al menos te reciben bien, sólo importa que trabajes y eres quien eres y nada más, a o mejor podéis veniros también; me gustaría tanto, porque lo importante es estar juntos.⁴ (BENDAHAN, 2006, p. 73)

O simulacro do processo integrativo pressupõe, então, uma falha, pois sugere uma postulação igualitária dentro de um referencial fantasioso que pode levar a crer que haja uma integração onde ela não existe. O que parece mais comum é que esse conceito pleiteia, em diversas linhas, a alimentação de sua estrutura danificada de alguns dos conceitos estudados por Igel, o que é reafirmado por Hugo Achugar como “imagens da integração”.

Na narrativa de Bendahan, o problema da identificação do grupo no espaço, bem como um deslocamento religioso e cultural dentro de um território não pertencente, é reiterado. Retoma-se, o pensamento de Forster, pois, como sugere o filósofo, o problema da purificação e da lógica em gerar um monopólio religioso, visto aqui como identificação, soa como violento e capaz de criar um escape agudo para um ajuste da identidade, um “ajuste de contas com o impossível resíduo de uma identidade descentrada que representa o intolerável para a máquina estatal” (FORSTER, 2006, p. 21). Esse monopólio religioso, focado em uma prática de segregar os não pertencentes em um grupo pela diferença, principalmente religiosa como no caso dos sefarditas, em *Déjalo, ya volveremos*, pode ser manifestado nos personagens eternamente estrangeiros, e mesmo que suas origens sefarditas, que seria o mesmo que Espanha em hebraico, eles não conseguem pertencer a nenhum lugar. Segundo Achugar, ao pensar a concepção de identidade integrada, reconhece-se que existe um problema de anulação das forças que trabalham a favor de uma falsa, ou pelo menos relativa, integração:

A postulação de uma identidade universal do indivíduo, abolindo diferenças culturais, nacionais, de gênero, etnia, etc., pode ser tanto uma forma de homogeneização típica do discurso central, como o cancelamento do pensamento, pois reconhece o dado óbvio: todos somos seres humanos. (ACHUGAR, 1997, p. 8)

O processo de marginalização a que os judeus são submetidos há milhares de anos parece estabelecer, no romance de Bendahan, conjunturas de conflito no pensamento da integração que, tão imaginada e fantasiada, acaba recriando uma ponte entre a desintegração e a integração. Esse falseamento, como nos elucida Achugar, cria uma leitura paralela, possibilitando aos leitores questionar a construção de identidades que são extintas por diferenças a favor de uma consideração que, muitas vezes, assolam o poder das minorias exatamente pelas suas diferenças à cultura nova.

Reina, na trama do romance, precisa lidar com os problemas criados pela perseguição religiosa, pelo seu estrangeirismo e, principalmente, pelo desconhecimento que os outros têm sobre sua cultura e religião. As perseguições narradas podem remontar aos tortuosos caminhos que os próprios sefarditas sofriram durante a Inquisição, pois são imbricados de preconceitos que perduram há milhares de anos sobre a cultura judaica: “– Judía, judia – gritaba –, heules mal, los judíos huelen mal, súa judia.”⁵ (BENDAHAN, 2006, p. 109) Foi o tratamento de uma amiga a Reina, que, quando enfadada, retomou todo o ódio contra a menina.⁶ Ser judeu, então, não era somente ser odiado, mas era um insulto aos que não dividiam a mesma cultura. A intolerância à integração parece recrudescer em um ponto em que os países, muitas vezes, apresentam como

melhor possibilidade não haver imigrantes, pois o que parece acontecer é a não disposição à integração, obrigando a opção pela assimilação, pela aculturação ou pela integração falseada.

O problema acompanha, também, outros caminhos, pois existe uma defasagem que permanece entre os que a conduzem e os que vivem o processo integrativo. Quanto aos sefardistas, eles não pertencem, de fato, a nenhuma geografia, pois entrelaçam um simulacro permanente quando sempre submetidos ao desarraigamento territorial, que pode ser equiparado a não essência de uma identidade geográfica. Dessa forma, os judeus, além de não possuírem, de acordo com o olhar do outro, um pertencimento de pátria, ficam à mercê de um ódio pré-estabelecido por um conhecimento distorcido, que é, a todo o tempo, questionado em *Déjalo, ya volveremos*.

Em um diálogo entre Reina e um jovem que ela vê como possível namorado, por exemplo, lemos: “No tengo la libertad que quiero. Que si ten cuidado, y el adónde vas y de dónde vienes, y luego eso de... bueno, tú no eres judío, a veces no sé que debo sentir”.⁷ (BENADAHAN, 2006, p. 208) Em uma conversa com a prima, a personagem continua: “No es fácil vivir con el odio sin saber la causa, con ese odio.”⁸ Esses dois pontos citados nos ajudam a pensar como a integração falseada pode fazer com que os temores mais íntimos não possam deixar de tomar e assombrar a personagem e, por eles, é possível identificar a existência de uma resistência à recepção de imigrantes judeus, principalmente na Espanha, por eles serem vistos como estrangeiros e estranhos, portanto, não pertencerem, de fato, ao país. Existiria, pois, um ódio e uma perseguição que impossibilitam o convívio, que advém da intolerância. Pois o estrangeiro nunca vai perder a marca de ser sempre o outro em um lugar que nunca será, de fato, de seu pertencimento, assim como os judeus imigrantes, como nos mostra Bendahan nas recordações de Reina:

As veces recordaba su armario. ‘Déjalo, ya volveremos’, ya sabía que ya no había vuelta posible; al salir volvían y si se marchaban sería como volver otra vez, como si siempre estuvieran volviendo. [...] Algún día regresarían, pero ya habían vuelto. Y si tenían que irse, sería para llegar a un lugar al que estaban volviendo.⁹ (BENADAHAN, 2006, p. 238-239)

Como os sefarditas na Espanha são sempre desterrados, eles permaneceram desterrados em qualquer outra nação e, dentro do arquivo das dispersões judaicas, eles continuam sendo os estranhos em qualquer país que são realocados. Logo, as constantes diásporas aparecem como uma espécie de tatuagem sanguínea, em que a portabilidade de uma única identidade é, assim como os marranos, arraigada na dupla personalidade obrigatória. Quanto à imagem da integração, parece que é mais interessante pensar que ela permanece como uma extensão da assimilação e da aculturação, em vias que na contemporaneidade a questão da globalização assola as marcas de unicidade comum a um grupo, ainda que seja essa prática antecipada pelos marranos, como esclarece Forster. Sugere-se, ainda, pensar a integração falseada, exatamente por ser a integração, por si só, um intento que inexistente e que está à mercê de uma construção de uma identidade global que parece impossibilitada, pois se lida, continuamente, com uma espécie de contaminação de identidades. Esse procedimento seja pelas crenças, ou mesmo pelas mobilidades das fronteiras, instaura um contínuo processo de hibridismo pautado no constante processo de pertencimento a uma geografia, que, por si só, já deixa à deriva a concepção de uma identidade integrada, reafirmando, assim, que o processo de integração perpassa por outros conflitos de anulação de um grupo em função do outro, mesmo que de forma mínima.

* **Marcos Fábio de Faria** é Mestrando em Letras na Faculdade de Letras da UFMG. Pesquisador do Núcleo de Estudo Judaicos da UFMG.

Notas

¹ “Este romance traz a memória do meu povo e de uma sociedade que nunca poderá voltar ao lugar de onde saiu”. (Tradução nossa.)

² “Se chamava o jogo do passaporte falso. Toda noite inventavam a história de um dos passageiros desse barco. Pessoas que desejavam iniciar uma nova vida, salvar-se e começar de novo”. (Tradução nossa)

³ “Um barco também pode se perder. Chegar, desde a costa marroquina até a costa de Haifa ou de Tel Aviv não parecia fácil, demoraria alguns dias, deviam evitar os controles, tanto na saída como na chegada. Um barco também poderia se perder. Por que o pior de perder-se é que se está em um lugar onde ninguém sabe. Surgiu, então, a curiosidade por averiguar onde estavam realmente. E se perguntou por que todos parecem estar em outro lugar”. (Tradução nossa)

⁴ “São tempos difíceis, ficamos séculos por aqui, mas não somos daqui, não somos de nenhum lado, sefarditas, dizem uns, judeus, outros, não sei Reina, seu pai é muito ativo e vivemos em momentos de grandes preocupações, por isso nós partimos para a Venezuela, lá pelo menos te recebem bem, importa somente que trabalhe e que seja quem é, nada mais, se der, que venham também; eu adoraria, porque o importante é estar juntos”. (Tradução nossa)

⁵ “– Judia, judia – gritava –, cheiram mal, os judeus cheiram mal, judia suja”. (Tradução nossa)

⁶ No Brasil, o conto “O telhado e o violinista”, de Cintia Moscovich, também apresenta esse tratamento dado aos judeus a partir de uma visão infantil feminina. Ver: MOSCOVICH, Cíntia. O telhado e o violinista. In: _____. *Arquitetura do arco-íris*. São Paulo: Record, 2004. p. 15-36.

⁷ “Não tenho a liberdade que quero. Que se tenha cuidado de onde vem para onde vai, e logo isso de... bom, você não é judeu, às vezes não sei o que devo sentir”. (Tradução nossa)

⁸ “Não é fácil viver com o ódio sem saber sua causa, com esse ódio”. (BENDAHAN, 2006, p. 223. Tradução nossa)

⁹ “Às vezes lembrava-se de seu armário. ‘Deixe-o, já voltaremos’ dizia o seu pai em suas recordações, ‘já voltaremos’, e sabia que já não havia a possível volta; ao sair voltavam e se partiam seria como se voltassem outra vez, como se sempre estivesse voltando. [...] Algum dia regressarão, mas já haviam voltado. E si tivesse que ir, seria para chegar a um lugar onde estariam voltando.” (Tradução nossa)

Referências

ACHUGAR, Hugo. *Imagens da integração*. Trad. Cláudia Schilling. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1997 (Coleção Memo, Ensaio e Ficção).

BENDAHAN, Esther. *Déjalo, ya volveremos*. Barcelona: Seix-Barral, 2006.

COLLERA, Virginia. Bendahan narra la desintegración del pueblo sefardí. *El País*, Madrid, 16 mar. 2006. Disponível em: <www.elpais.com/articulo/cultura/Bendahan/narra/desintegracion/pueblo/sefardi/elpepicul/20060316elpepicul_8/Tes>.

Acesso em: 16 jun. 2011.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FORSTER, Ricardo. *A ficção marrana: uma antecipação das estéticas pós-modernas*: Trad. Miriam Volpe e Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

FREUD, Sigmund. O estranho. In: _____. *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. José Otávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

IGEL, Regina. Aculturação e assimilação. In: _____. *Imigrantes judeus/escritores brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1997. p. 129-162.

JEHA, Julio. Monstros como metáforas do mal. In: _____. *Monstros e monstruosidades na literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SCLIAR, Moacyr. Memórias judaicas. In: SCLIAR, Moacyr; SOUZA, Márcio. *Entre Moisés e Macunaíma: os judeus que descobriram o Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.